

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 4)

Índice

O resgate da Palavra de Revelação	2
Revelação para aquele que vê	2
O papel da visão na revelação.....	4
Amar: missão de risco	4
O mapa do medo de amar	5
O resgate da Palavra de Comunhão.....	7
Comunhão para o que se afastou	7
Reconciliação... uma questão pessoal.....	8
Jesus age pela reconciliação.....	10
O Salmo de Jesus - Comunhão	10
Referências.....	13
Para Ler... ..	13
Para Ouvir.....	13
Comentários, palestras e sermões	13
Músicas.....	14

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 4)

O resgate da Palavra de Revelação

No Éden, ao criar o homem, Deus falou com ele, revelando aquilo que se esperava dele naquela comunidade. Relembremos:

“Deus os abençoou, e lhes disse: ‘Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra’”. (Gênesis 1:28)

Deus abençoa o homem e capacita-o para que ele **envolva-se e comprometa-se integralmente com a criação, tornando-a fértil, eficiente, ajustada**. Era um trabalho desafiador e da maior confiança – assumir a liderança e a condução dos destinos da terra que havia acabado de ser formada.

No ato da queda, **o homem decide que tem outras prioridades, outras finalidades**. Afinal, seus olhos estavam abertos para uma realidade que ele não imaginava existir. Mas isso, como sabemos, tornou-se uma prisão, uma armadilha que o envolve de tal forma que o trabalho que devia ser feito ficou para depois – e mesmo foi recusado. Portanto, quando Jesus se faz carne (conforme João 1:1) e habita entre nós, igualmente trabalha no resgate da palavra de revelação para as nossas vidas.

Revelação para aquele que vê

Como vimos anteriormente, a revelação de Deus para a vida de cada um está intimamente ligada às suas motivações. São nossas motivações que nos impulsionam ou nos atrapalham a fazer aquilo que temos de fazer. Nossa tendência à **procrastinação é função direta de nossa real motivação** em relação a uma determinada tarefa ou objetivo.

Por esse motivo, no caminho para Samaria, Jesus resolve desvendar aquilo que realmente estava por trás da resistência do perito da lei em relação à sua pessoa e à sua mensagem. Sim, porque a resistência inicial (que aparecia na superfície) era em relação à mensagem e à pessoa de Jesus. Mas, de fato, aquele homem (assim como outras pessoas) tinha uma percepção míope da Lei na qual era reconhecido como perito. Uma simples história (conhecida como “A Parábola do Bom Samaritano”) foi capaz de desvendar o que havia por trás daquela casca de conhecimento e legalismo.

A impressão que eu tenho é que aquele homem estava incomodado com a falta de critério de Jesus, um judeu tido como mestre, ao escolher suas companhias e amizades. Por isso, quando a conversa sobre a vida eterna cai no que a Lei dizia sobre o amor...

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 4)

“Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento” e ‘Ame o seu próximo como a si mesmo’” (Lucas 10:27)

... Jesus diz que ele está correto – e, por conhecer corretamente o que diz a lei (a letra), não há motivo para não obedecer e fazer o que é para ser feito (**o que está revelado** como a missão para a qual ele foi abençoado). Imediatamente, o homem assume a defensiva, retrucando: *“E quem é o meu próximo?”* (Lucas 10:29).

Então, Jesus conta a história sobre a qual já falamos algumas vezes durante nossos encontros. O que eu quero destacar agora é um detalhe que pode passar sem ser percebido na história. Passaram pelo homem assaltado três pessoas; as três pessoas **viram** aquele homem estendido, quase morto no chão. A diferença do samaritano em relação ao sacerdote e o levita foi que, **ao vê-lo, compadeceu-se dele de tal maneira que não pôde resistir**. Os três passantes tiveram contato visual com o que estava acontecendo, mas só um agiu. Só um deles teve a motivação para agir.

É inevitável lembrar-me de outros momentos na narrativa bíblica em que o contato visual tem papel essencial. Eva, ao ver, ficou encantada a fruta e não resistiu (Gênesis 3:6); Davi viu uma mulher bonita tomando banho e decidiu que queria tê-la para si (II Samuel 11:2); João, em sua primeira carta, fala sobre a cobiça dos olhos (I João 2:16). Aliás, Moisés relata que, ao comer da fruta, os olhos de Adão e Eva abriram-se e eles começaram a perceber coisas que antes não percebiam – e que não eram relevantes. A queda distorceu nosso sentido da visão, desviando-o para coisas que apenas desviam nossa atenção.

Por isso, creio que Mateus relata um detalhe precioso em um episódio famoso do ministério de Jesus:

“Vendo as multidões, Jesus subiu ao monte e se assentou. Seus discípulos aproximaram-se dele,” (Mateus 5:1)

É o pontapé inicial para o resgate da palavra de revelação. **Jesus viu. Viu e enxergou que algo precisava ser feito**. E vendo as multidões assentou-se para ensinar para os seus discípulos. A Bíblia não diz que Jesus começou a ensinar diretamente para a multidão. Ele começou a falar para os discípulos sobre a felicidade e sobre o Reino de Deus.

Mateus volta a relatar a reação de Jesus em relação àquilo que via:

“Ao ver as multidões, teve compaixão delas, porque estavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor. Então disse aos seus discípulos: ‘A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. Peçam, pois, ao Senhor da seara que envie trabalhadores para a sua seara’”. (Mateus 9:36-38)

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 4)

As multidões estavam aflitas e desamparadas – e os discípulos teriam de lidar com essa necessidade extrema das pessoas quando estivessem em seus ministérios, cuidando das ovelhas que Jesus iria deixar para eles.

O papel da visão na revelação

Creio que João, tendo estado com Jesus em muitas oportunidades, sabia muito bem o papel da visão no cumprimento de cada uma das tarefas que lhe seriam confiadas. **Em sua primeira carta, o apóstolo traz novamente a visão para a equação do amor.**

*“Se alguém afirmar: ‘Eu amo a Deus’, mas odiar seu irmão, é mentiroso, pois **quem não ama seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.** Ele nos deu este mandamento: Quem ama a Deus, ame também seu irmão. (1 João 4:20,21)*

Assim, a reação imediata daquele que nada quer fazer ou não quer cumprir aquilo que Deus tem como revelação para a sua vida é fechar os olhos. Dizem que “o pior cego é aquele que não quer ver”. É verdade. Mas é verdade também que, muitas vezes, você e eu sofremos de uma cegueira voluntária em relação a algumas coisas ou pessoas com as quais (**no fundo, tal qual aquele perito na lei**) não queremos nos envolver.

Amar: missão de risco

De fato, essa cegueira para o amor tem um motivo. Na maioria das vezes, nossa dificuldade em **obedecer ao mandamento do amor** é fruto de medo. Esse medo está ligado à escolha que Adão, Eva fizeram e que eu e você tendemos a fazer sempre: **preservar-nos de sofrimento antes de qualquer coisa e antes de qualquer pessoa** (“farinha pouca, meu pirão primeiro”; “antes ele do que eu”). A “boa notícia” é que você e eu não estamos sozinhos. A “má notícia” (que, de fato, é **A BOA NOTÍCIA**) é que, com Jesus, não foi assim – e que **o mesmo é esperado de nós**. Paulo relata aos Filipenses...

*“Cada um cuide, **não somente dos seus interesses, mas também dos interesses dos outros.** Seja a atitude de vocês a mesma de Cristo Jesus, que, embora sendo Deus, não considerou que o ser igual a Deus era algo a que devia apegar-se; mas **esvaziou-se a si mesmo, vindo a ser servo, tornando-se semelhante aos homens.** E, sendo encontrado em forma humana, **humilhou-se a si mesmo e foi obediente até à morte, e morte de cruz!**”
(Filipenses 2:4-8)*

Aqui, Paulo destaca o fato de que Jesus tornou-se semelhante aos homens. A nossa vida ao lado daqueles que amamos é assim: é deixar com o outro um pedacinho da minha vida. Aos Efésios, Paulo diz:

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 4)

“Portanto, sejam imitadores de Deus, como filhos amados, e vivam em amor, como também Cristo nos amou e se entregou por nós como oferta e sacrifício de aroma agradável a Deus.” (Efésios 5:1,2)

Mas o fato é que nós temos medo. Medo do desconhecido, medo de sermos rejeitados, medo de sermos incompreendidos, medo de sermos decepcionados ou simplesmente o medo da separação (por alguma circunstância da vida ou pela morte). C.S. Lewis faz um diagnóstico profundo e perturbador de nosso medo de amar e de suas consequências.

*“Amar é sempre ser vulnerável. Ame qualquer coisa e certamente seu coração vai doer e talvez se partir. Se quiser ter a certeza de mantê-lo intacto, você não deve entregá-lo a ninguém, nem mesmo a um animal. Envolve-o cuidadosamente em seus hobbies e pequenos luxos, evite qualquer envolvimento, guarde-o na segurança do esquife de seu egoísmo. Mas nesse esquife – seguro, sem movimento, sem ar - ele vai mudar. Ele não vai se partir – vai tornar-se indestrutível, impenetrável, irredimível. A alternativa a uma tragédia ou pelo menos ao risco de uma tragédia é a condenação. **O único lugar além do céu onde se pode estar perfeitamente a salvo de todos os riscos e perturbações do amor é o inferno.**” (C.S. Lewis)*

O mapa do medo de amar

O autor de Hebreus percebe o medo naqueles que, sofrendo perseguições, fraquejavam na sua fé e, tal qual o povo de Israel no deserto quando viu que a terra prometida era habitada por gigantes. Falando sobre a necessidade de entrar no descanso de Deus a partir do capítulo 3, em certo ponto, ele apresenta aquilo que eu chamo **o mapa do medo de amar**:

*“Pois a palavra de Deus é viva e eficaz, e mais afiada que qualquer espada de dois gumes; ela **penetra ao ponto de dividir alma e espírito**, juntas e medulas, e julga os pensamentos e intenções do coração.” (Hebreus 4:12)*

O texto é profundo e podemos passar muito tempo falar sobre o que significa uma palavra que divide alma e espírito. Não vamos entrar nessa reflexão agora – embora ela seja rica e preciosa. Mas vale a pena refletir: em algum momento da sua vida, em um dia de aflição, você leu aquele versículo que, como uma faca, entrou em você e o descreveu de maneira reveladora? O poeta Mário Quintana disse certa vez que *“Um bom poema é aquele que nos dá a impressão de que está lendo a gente ... e não a gente a ele!”*.

Às vezes, é essa a impressão que eu tenho lendo alguns dos Salmos. Impressiono-me com a virulência do Salmo 137 (que, confesso, é um sentimento que já tive), angustio-me com a situação descrita no Salmo 13, descanso no Salmo 4. Davi, ao ser confrontado com o seu pecado pelo profeta Natan, escreveu o Salmo 51.

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 4)

Quais foram os seus momentos com a palavra reveladora?

Entre vários momentos do ministério de Jesus, fico impressionado naquele em que, com algumas palavras, revelou intenções mais inconfessáveis de algumas pessoas e também um sentimento de culpa, rejeição e desesperança de uma mulher. Estou falando do que João relata em seu evangelho, no capítulo 8. Alguns homens trouxeram a Jesus uma mulher que havia sido pega em adultério. A intenção deles era que Jesus desse-lhes o aval para que a apedrejassem.

Aos homens...

“E, como insistissem, perguntando-lhe, endireitou-se, e disse-lhes: Aquele que de entre vós está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela.” (João 8:7)

João relata apenas que, acusados por suas próprias consciências (ali reveladas), foram saindo – um a um. Não restou um sequer.

Para a mulher...

“E, endireitando-se Jesus, e não vendo ninguém mais do que a mulher, disse-lhe: Mulher, onde estão aqueles teus acusadores? Ninguém te condenou? E ela disse: Ninguém, Senhor. E disse-lhe Jesus: Nem eu também te condeno; vai-te, e não peques mais.” (João 8:10,11)

Jesus deixa claro para aquela mulher que, sim, ela havia pecado. Mas que, não tendo sido condenada, ela ganhava uma oportunidade de começar – a partir daquele momento – uma nova vida, sem pecado e sem medo.

A Palavra da Revelação é assim. Ela mostra o que há dentro de nós, permite que vejamos e não evitemos o que estamos vendo. E, com os olhos abertos, podemos fazer aquilo que o autor de Hebreus orienta na continuação do texto.

“Nada, em toda a criação, está oculto aos olhos de Deus. Tudo está descoberto e exposto diante dos olhos daquele a quem havemos de prestar contas. Portanto, visto que temos um grande sumo sacerdote que adentrou os céus, Jesus, o Filho de Deus, apeguemo-nos com toda a firmeza à fé que professamos, pois não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas, mas sim alguém que, como nós, passou por todo tipo de tentação, porém, sem pecado. Assim sendo, aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça que nos ajude no momento da necessidade.” (Hebreus 4:13-16)

Nada está encoberto para Deus. Ele nos conhece e quer que nos conheçamos de maneira corajosa. Porque o autoconhecimento revelado pela palavra pode doer. Mas **se doer, podemos chegar sem medo junto ao trono... Onde encontramos a graça.** E seguir em frente, fazendo aquilo que fomos feitos para fazer. É uma tremenda **Palavra de Revelação.**

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 4)

O resgate da Palavra de Comunhão

Aproxima-se do fim a missão de resgate da Palavra. Em seu último ato, Jesus, a Palavra Viva, vai em busca da Comunhão perdida no Éden. Na verdade, há uma ordem necessária para esses resgates. Inicialmente, é necessário que o homem reconheça e restabeleça para a sua vida a Palavra de Provisão. Uma vez que aceita que esse é o papel de Deus na comunidade, o homem está pronto para saber qual é o seu papel, recebendo a Palavra da Revelação. Somente estando consciente de que a revelação de Deus para a sua vida é motivo de alegria e descanso, o homem está pronto para aproximar-se de Deus para o restabelecimento da comunhão.

No Éden, Deus disse:

“Então disse Deus: ‘Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais grandes de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão’. Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou.” (Genesis 1:26-27)

A Trindade quer o homem totalmente integrado à sua comunhão – em unidade de missão, visão, valores e objetivos. No livro de Atos, o apóstolo Lucas relata como viviam os crentes da primeira igreja.

“Todos os que criam mantinham-se unidos e tinham tudo em comum.” (Atos 2:44)

A palavra grega traduzida por todos nesse relato é **pas**, que carrega em sua definição um aspecto de diversidade. É a descrição de uma coletividade que traz consigo vários tipos. Em sua resposta a Satanás, Jesus respondeu usando o mesmo termo quando faz referência à suficiência das palavras que saem da boca de Deus.

“Jesus respondeu: “Está escrito: ‘Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que procede da boca de Deus’””. (Mateus 4:4)

Então, a comunhão da Trindade abraça a todos os homens, de todos os tipos, com suas características e personalidades diversas. Cada um com sua personalidade afastou-se de Deus de uma maneira pessoal – e é pessoalmente, um a um, que Jesus vem nos buscar.

Comunhão para o que se afastou

Na comunidade da Trindade, o homem achou que podia e devia ser mais do que Deus o havia determinado ser e saber. Assim, o homem se afastou e se enclausurou – naquilo que descobriu ser um esquite (como disse C.S. Lewis).

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 4)

Quando um relacionamento é quebrado, é preciso que uma das partes tome a iniciativa da reconciliação. Paulo relata aos Romanos que foi exatamente o que Jesus fez.

*“Se quando éramos inimigos de Deus fomos **reconciliados** com ele mediante a morte de seu Filho, quanto mais agora, tendo sido **reconciliados**, seremos **salvos por sua vida!**”*
(Romanos 5:10)

O termo reconciliados (do grego *katallassō*) nesta frase encerra em si também um sentido de reparação de danos. Literalmente, algo foi dado em troca para que fosse restabelecido o elo entre o homem e Deus. Jesus foi quem se entregou como pagamento.

A Bíblia na Nova Tradução da Linguagem de Hoje afirma que “... Deus... nos tornou seus amigos por meio da morte de seu Filho.”, dando-nos a boa noção daquilo que era a missão final de Jesus: tornar-nos amigos de Deus. Já vimos anteriormente que Jesus teve uma **atitude totalmente despojada em relação ao que era seu direito** – para entregar-se como pagamento em um ato de reconciliação.

Reconciliação... uma questão pessoal

Não é novidade que, em muitas oportunidades, nós tenhamos preferência por espiritualizar uma questão que é simples e direta da parte de Deus. Já vimos anteriormente que, eventualmente, isso pode nos dar a pista de que esta pode ser uma atitude de quem quer fugir de uma questão embaraçosa.

E, surpreendentemente, não é raro tratarmos a questão da nossa reconciliação com Deus como uma coisa puramente espiritual. Realmente, há um forte componente espiritual na questão – porque Deus é espírito, nós devemos adorá-lo em espírito em verdade e o seu Santo Espírito é quem está ao nosso lado dia-a-dia.

Mas nossa vida espiritual não pode ser desvinculada de nossa personalidade, de nossa alma, e nem do nosso corpo (como veremos mais à frente). Jesus, como a Palavra Viva fez mais do que ensinar a respeito: ele tratou a questão da reconciliação do homem com Deus de forma muito pessoal. É o que podemos ver na chamada oração sacerdotal de Jesus, registrada em João 17.

Observemos alguns detalhes:

- a) Jesus refere-se várias vezes aos discípulos como “... aqueles que tu me deste” – Para ele, cada um dos discípulos com quem tinha estado **eram como uma preciosidade**. Para Jesus, era muito importante que nenhum deles tivesse se perdido (exceto Judas, para que se cumprisse a profecia). No verso 12, Jesus afirma que “... os guardava”.

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 4)

- b) Jesus apresenta-se como o responsável pela palavra plantada na vida de cada um deles – Para ele, a vida de cada um foi radicalmente transformada pela sua vida (lembre-se de Romanos 5:10 – “... *salvos pela sua vida*”). Um pedaço de sua alma tinha ficado com cada um daqueles discípulos.

- c) Jesus roga por eles – O futuro de cada um dos discípulos importava muito para Jesus de Nazaré. Os discípulos não foram meras ferramentas – embora sejamos apropriadamente comparados a vasos na carta de Paulo a Timóteo (II Timóteo 2:14-22). Apesar de, imediatamente antes (no capítulo 16), ter dito aos discípulos que o ***Espírito Santo estaria com eles e que tudo daria certo***, Jesus estava sinceramente preocupado com o que seria deles sem a sua presença.

- d) Jesus apresenta-os como qualificados para a convivência com a Trindade (v. 21 e 22), aptos e merecedores de gozar do amor da comunidade.

Poderíamos ainda falar muito sobre essa oração – e quero encorajá-lo / encorajá-la a reservar um tempo para refletir mais atenciosamente sobre ela –, mas creio que o que fica evidente nesta oração é que ***Jesus era amigo dos discípulos***.

Amigo pra valer. Ali, estava o Filho de Deus, em seus últimos movimentos da sua missão... Preocupado e orando pelos seus amigos. Com a sua vida, Jesus de Nazaré – aquele homem que viveu na Palestina e conheceu gente, andou com gente, riu, chorou, sentou-se à mesa com todo o tipo de gente... Aquele homem, nascido em Belém, filho de Maria e de José tornou a questão da reconciliação do homem com Deus totalmente pessoal.

Aristóteles teria dito que “*A amizade é uma alma em dois corpos*”.

Enfim, a bênção maior é aquela que recebemos através da ***sua morte e da sua ressurreição***. Mas aqueles homens transformaram e fizeram parte da vida de ***Jesus de Nazaré – o amigo deles, o nosso amigo (nós, os que cremos depois)***. E isso é uma coisa muito pessoal!

Então, Jesus recapitula sua missão antes do ato final, orando de forma enfática e detalhada a respeito da unidade que precisava ser restabelecida – do homem com a Trindade. Novamente, lembro-me daquilo que Chesterton escreveu em seu livro Ortodoxia (e já mencionado no encontro anterior) – que a perfeição para a qual você e eu devemos olhar é para o Éden. Então, Jesus repete insistentemente que seu desejo é que seja possível ao homem e a Deus voltarem a conversar nos finais de tarde, no jardim – como amigos que se amam profundamente.

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 4)

Jesus age pela reconciliação

Mas havia algo mais que precisava ser feito. Fazia parte do plano estabelecido antes do princípio da história pagar com a vida – e na cruz.

Dessa forma, ao terminar sua oração, João relata (capítulo 18) que Jesus sai em direção ao Monte das Oliveiras, onde acaba sendo preso e vai a julgamento para crucificação.

*“Tendo terminado de orar, Jesus **saiu** com os seus discípulos e **atravessou** o vale do Cedrom. Do outro lado havia um olival, onde **entrou** com eles.” (João 18:1)*

Jesus faz um movimento em direção ao seu destino final: sai de onde estava, atravessa o vale e entra no olival. A reconciliação da comunhão implica em movimento – sair de um lugar, seguir em direção ao outro lugar e entrar. A reconciliação é ativa – na direção daquele que é amado.

O Salmo de Jesus - Comunhão

Em seus momentos finais, após ter sido julgado, condenado sem motivo e trocado por um bandido assassino, Jesus chega ao calvário, onde deve concluir sua missão. Na cruz, Jesus faz aquelas que ficaram conhecidas como “as sete orações da cruz”.

Jesus era judeu. E como tal, estava muito acostumado a uma forma de expressão dos sentimentos usada por aquele povo. Quando um judeu queria “abrir o coração”, ele recitava, cantava ou fazia um salmo. Nenhum dos relatos apresenta todas sete orações. Elas estão espalhadas por cada um dos quatro evangelhos. Eugene Peterson organiza-as em uma ordem que faz sentido.

Leiamos, então, o salmo que Jesus fez na cruz:

- a) “Eloí, Eloí, lama sabactâni?”, que significa “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?” (Mateus 27:46) – o pecado é o que me afasta definitivamente do meu Deus. E esse afastamento é insuportável.
- b) “Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem” (Lucas 23:34) – A reconstrução da comunhão tem perdão. Deus sabe disso desde antes do início da história, e já me perdoou desde a eternidade.
- c) “Eu lhe garanto: Hoje você estará comigo no paraíso” (Lucas 23:43) – Se for preciso, me guia pela mão para onde eu preciso. A reconciliação tem a mão que conduz.
- d) “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito” (Lucas 23:46) – A reconciliação restabelece um clima de confiança e dependência total (Salmo 37:5, I Coríntios 13)
- e) “Mulher, eis aí teu filho... Eis aí tua mãe” (João 19:26-27) – Na comunidade da Trindade, estou novamente na família de Deus. Não estou sozinho.

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 4)

- f) “Tenho sede” (João 19:28) – Todo o meu ser – minha alma, meu espírito, meu corpo – está reconciliado. A sede do meu corpo, da minha alma e do meu espírito será saciada. A comunhão abraça toda a minha vida.
- g) “Está consumado” (João 19:30) – Está feito de uma vez por todas. O amor venceu.

Em uma adaptação livre, ousou “redigir” o Salmo da Cruz assim:

*“Senhor meu, o meu pecado me afastou irremediavelmente.
Meu Pai amoroso me perdoou antes mesmo de eu pecar.
Me pegou pela mão e me levou para casa.
Por isso, confio nele totalmente.
Hoje sou parte de uma família.
Não foi fácil. E pode ser difícil em todos os aspectos da vida.
Mas a verdade é que o meu Deus me resgatou e está comigo – ontem, hoje e sempre.”*

Quando olho para o sacrifício de Jesus na cruz, lembro-me imediatamente do episódio “O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa”, da saga “As Crônicas de Nárnia” (de C.S. Lewis) adaptada para o cinema pelos estúdios Disney. Em uma sequência forte, Jadis, a Feiticeira Branca vai até o acampamento onde estão os três irmãos Pevensie – que vai até lá para cobrar o sangue de Edmund Pevensie, que, enganado por ela, havia traído seus irmãos e Aslam. Ela afirma:

“Você tem um traidor entre os seus, Aslam!”

... e, segundo as leis de Nárnia, o sangue do traidor pertence à Feiticeira Branca. Ela vai mais adiante...

“Aslam sabe que a menos que eu tenha o sangue dele, como manda a lei, toda a Nárnia será subvertida e perecerá em fogo e água! Esse menino morrerá na Mesa de Pedra como diz a tradição!”

Aslam, então, chama a Feiticeira para uma conversa a sós em sua tenda. Depois de algum tempo, Aslam e a Feiticeira saem da tenda e os presentes recebem a notícia de que Edmund será poupado. Não sabem, entretanto, a que preço.

À noite, Aslam sai de sua tenda e vai rumo à mesa de pedra (lugar de sacrifícios da Feiticeira Branca). Lucy e Susan o acompanham até um ponto, quando ele diz que, dali em diante, deve ir sozinho. De longe, elas observam a cena em que Aslam é torturado, castigado e, finalmente, morto pela Feiticeira Branca.

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 4)

Aslam, que é a figura alegórica de Jesus de Nazaré, morreu por aquele que o traiu. Ele fez isso por mim e por você. Felizmente, como era o plano desde antes do início da história, este não é o fim. Jesus vence a morte e ressurge, cumprindo a profecia e resgatando a Palavra de Provisão para a nossa vida. Resgatou também a Palavra de Revelação e; finalmente, resgatou a Palavra da Comunhão – para que tudo volte a ser como no Éden, onde não mais estarei sozinho.

Você pode assistir a um clipe com esses momentos no YouTube: [Narnia – O sacrifício de Aslan \(Jesus\)](#)

Repito aqui um trecho do poema do Gladir Cabral (Poeta é Deus), cuja estrofe lemos em nosso primeiro encontro. Vejamos como Gladir conclui a história.

...
*Poeta é Deus,
Sou apenas o verso de um poema.
Ele é palavra, eu sou o desejo de um fonema,
Verso branco, breve
À espera do seu tema.*

*Eterno é Deus,
Tudo o mais é uma gota de sereno
Que de manhã cobre a folha da grama no terreno.
Ao meio-dia é apenas lembrança pouca e vaga,
É trilha incerta, é uma estrada deserta e ensolarada.*

*Poeta é Deus,
Sou apenas poeira do caminho.
Ele é o rio que me leva assim, devagarinho,
Pela vida afora, nunca mais sozinho.*

Por Jesus, a Palavra Viva, nunca mais estarei sozinho.

Nunca mais!

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 4)

Referências

A seguir, você tem uma lista de coisas que foram referência para mim enquanto refletia sobre o assunto e meditava no que devia compartilhar.

Propositadamente, evitarei a formalidade das referências bibliográficas típicas de um trabalho acadêmico. Porque o que ocorreu durante a preparação das aulas foi um processo de aprendizado para mim. Houve momentos de intenso trabalho de pesquisa, lendo, ouvindo, buscando informações. Houve momentos de certa dor, quando percebia Deus falando diretamente comigo a respeito de coisas que eram necessárias outras formas de agir e de viver. Mas, no final, foi um tempo de felicidade ao lado da Palavra de Deus e de cada um que esteve comigo em cada uma das aulas.

Para Ler...

O Prisioneiro, de Érico Veríssimo

Não Nascemos Prontos, de Mário Sérgio Cortella

Alma Nua, de Ivênio dos Santos

Ortodoxia, de G. K. Chesterton

O Grande Abismo, de C. S. Lewis

Somos Um, de Jorge Camargo

A Linguagem de Deus, de Eugene Peterson

Poema de Gladir Cabral – Poeta é Deus -

<http://ultimato.com.br/sites/gladircabral/2011/04/26/poeta-e-deus-2-2/>

Para Ouvir...

Aqui, você tem acesso a tudo o que ouvi – palestras, sermões ou comentários de estudiosos da Bíblia quanto músicas inspiradas, que ajudaram-me na construção das aulas.

Comentários, palestras e sermões

Comentários de Ray Stedman em BlueLetterBible (<http://blueletterbible.org>)

- Who is Jesus?
https://www.blueletterbible.org/audio_video/stedman_ray/Jhn/Messages_from_the_book_of_John_1983_85.cfm#Who_Is_Jesus_John_1_1_4

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 4)

- Life with father
https://www.blueletterbible.org/audio_video/stedman_ray/1Jo/Studies_in_First_John_19_66_67.cfm#Life_with_Father_1_John_1_1_4

Comentários de Joe Foch tem BlueLetterBible (<http://blueletterbible.org>)

- Full of Grace and Truth
https://www.blueletterbible.org/audio_video/focht_joe/Jhn/John_Topical.cfm#Full_of_Grace_and_Truth
- I John 1:1-10
https://www.blueletterbible.org/audio_video/focht_joe/1Jo/I_John_Expositional.cfm#I_John_1_1_1_10

Comentários de Chuck Smith em BlueLetterBible (<http://blueletterbible.org>)

- Hebreus 3-4
https://www.blueletterbible.org/audio_video/smith_chuck/5000/Hebrews.cfm#Hebrews_3_4_1982_85_Audio

Daniel Guanaes – Série de mensagens A arte de viver – o que não pode faltar nos relacionamentos

- <http://ipbrecreio.org.br/index.php/mensagens/serie/35-a-arte-de-viver-o-que-nao-pode-faltar-nos-relacionamentos.html>

Palestra de Sherry Turkle no TED

- Connected, but alone? http://www.ted.com/talks/sherry_turkle_alone_together

Músicas

Milton Nascimento canta “Certas canções que ouço cabem tão dentro de mim, que perguntar careço: como não fui eu que fiz.”. É mais ou menos assim que me sinto quando escuto algumas músicas. Segue aqui uma lista das que me ajudaram a pensar e amarrar alguns conceitos durante minhas reflexões.

O Verbo (Gladir Cabral)

Fale de Amor (Jorge Camargo)

O Sonho (Jorge Camargo e Gladir Cabral)

Jesus, a Linguagem de Deus para o homem (aula 4)

Rei do Universo (Gladir Cabral)

Mente e Coração (Sérgio Pimenta)

Abrigo (Gladir Cabral)

A Felicidade (Jorge Camargo)

Imensidão (Jorge Camargo e Gladir Cabral)

Letra Morta (Jorge Camargo e Gladir Cabral)

Fina Esperança (Gladir Cabral)

Fonte (Sérgio Pimenta)

Pasárgada (Jorge Camargo e Gladir Cabral)

O Amor é Assim Mesmo (Jorge Camargo)

A Tua Graça é Tudo (Jorge Camargo)

Farol (Jorge Camargo)

Intimidade (Jorge Camargo)

Caçador (Jorge Camargo e Gladir Cabral)

Pastores de Palavras (Jorge Camargo)

Quatro Estações (Kleber Lucas)

O Nosso Deus é Fiel (Kleber Lucas)

O Cio da Terra (Chico Buarque e Milton Nascimento)

Gentileza (Marisa Monte)

NOTA IMPORTANTE: Sobre todas as coisas que li, ouvi ou consultei, *minha referência essencial e predominante foi a Bíblia*. Confesso que, em alguns momentos, teria sido mais fácil usar a opinião de algum estudioso ou de algum livro já escrito. Mas deve sempre prevalecer o que a Bíblia ensina e, *se algo não resiste a uma análise criteriosa e honesta à luz do que está na revelação bíblica, esse algo acaba ficando fora do curso*.